

DA ESCRITA DE “BASTIDORES” À MENSAGEM PUBLICADA: REVISTAS CULTURAIS E CORRESPONDÊNCIAS NO ARQUIVO PRIVADO DE OLIVEIRA VIANNA
Giselle Martins Venancio¹

As revistas literárias e culturais cumpriram, na primeira metade do século XX, um importante papel como espaço de intercâmbio intelectual². Assim como os jornais, as revistas, por seu caráter de *“obra em movimento”*, de escrita mais efêmera que a dos livros, serviram de *“espaço de experimentação”*, onde as idéias dos autores se ofereciam à discussão e se testavam permitindo a publicação de trabalhos ainda em curso e de obras em elaboração.

Bem como os demais espaços de trocas intelectuais, já analisados, as revistas serviam de *“(…) ponto de encontro de itinerários individuais sob um credo comum”*³. Uma revista – escrita plural e coletiva – veiculava, ao ser publicada, uma proposta singular e reivindicava, em oposição a outras, uma *“(…) nova cultura, uma nova estética ou uma nova orientação científica que ela significa[va] ou não sob a forma de um manifesto ou de um artigo fundador”*⁴. Ao tornar-se pública, a revista tomava a aparência de um projeto consolidado, unido, minimizando, ou mesmo fazendo desaparecer, todo o processo que levava à sua organização e que, nos “bastidores”⁵, se caracterizava por disputas intelectuais e políticas. O exemplar publicado mascara, de certa forma, o processo de criação e elaboração da “mensagem” veiculada.

Por isso, torna-se fundamental investigar os traços dos “bastidores” das revistas – a composição dos comitês de redação, a presença ou não de determinados nomes em seu corpo editorial e a identidade dos colaboradores – tendo em vista compreendê-las como mais um espaço de sociabilidade intelectual que, assim como os demais, servia de lugar de concorrência e disputas.

Essa investigação, no entanto, é dificultada pela escassez de fontes que se refiram aos processos de criação e publicação desses periódicos. Para desenvolver esse tipo de abordagem, podem ser considerados alguns tipos de fontes tais como os diários, as memórias de literatos e editores e as correspondências. Todas elas, fontes fragmentárias e dispersas, tanto mais por serem características, principalmente, de arquivos privados pessoais, de difícil localização e, frequentemente, não organizados e/ou fechados aos pesquisadores.

Embora seja também uma fonte difícil de se trabalhar, em função de seu caráter de *“documento de complexo tratamento analítico”*⁶, dentre as fontes citadas, as correspondências possuem um traço singular: elas portam os diálogos, as falas de editores e colaboradores, de solicitantes e solicitados, e são, por esse motivo, fontes privilegiadas para se observar a intensa negociação que se estabelece em torno de um projeto editorial.

Vianna, como os demais intelectuais de seu tempo, publicou alguns de seus textos em periódicos literários e científicos. Assim, seu arquivo privado pessoal registra, através de sua

correspondência passiva, alguns dos convites recebidos por ele para colaborar em diferentes publicações.

As cartas solicitando artigos de Vianna ocupam um espaço significativo em seu acervo. Por esse motivo, pode-se sugerir que a solicitação de amigos e editores foi, muitas vezes, um estímulo para a elaboração de novos textos⁷, tendo servido de inspiração⁸ para o exercício intelectual de Oliveira Vianna. As solicitações de artigos e textos para revistas e/ou para compor obras de autoria coletiva, além de diversas encomendas de artigos para jornais, funcionaram, freqüentemente como um incentivo para o prosseguimento da reflexão e do trabalho desse intelectual.

Consultando sua correspondência, pode-se verificar que há diversas encomendas para revistas literárias e científicas dos mais diferentes gêneros e tendências político-ideológicas.

Em carta datada de 01 de junho de 1931, San Tiago Dantas pergunta a Oliveira Vianna sobre a possibilidade de enviar um artigo de sua autoria para o jornal *A Razão*:

*Caro amigo Dr. Oliveira Vianna,
Venho com prazer anunciar-lhe que “A Razão” já agora está em vésperas de aparecer, e que eu aqui estou para lembrar a sua magnífica promessa de nos dar uma colaboração periódica.
Pretendemos começar a publicação do jornal no dia dez, mais ou menos, e seria para nós uma incomparável alegria ainda poder contar para o primeiro número com a sua colaboração.*

A direção dessa revista, de caráter anticomunista, via em Oliveira Vianna um aliado, como se percebe do trecho abaixo da mesma carta:

*São Paulo, mais do que nunca está precisando do senhor, como de todos os que abrem caminhos seguros, nesta hora tão confusa, tão indecisa da vida brasileira. O comunismo e o separatismo embriagam a mocidade e os homens já formados. A compreensão do Brasil, a sua visão objetiva, real, é, como o senhor vem dizendo há tantos anos, nosso único caminho da salvação. E nós precisamos ouvir agora novamente essa verdade, que nos chegará aumentada pelas profundas ressonâncias do ambiente em pânico em que estamos.
O nosso jornal terá talvez esse papel magnífico, de fazer ouvir em São Paulo, as vozes dos grandes “clérigos” do espírito brasileiro, que falam aos “leigos” de todo o país. Como espero ir ao Rio ainda antes de sair “A Razão”, terei o prazer de vê-lo e, se for possível, de receber do senhor o primeiro artigo, com que se iniciará sua colaboração.
Por ora apenas desejo exprimir-lhe o nosso profundo agradecimento pela confiança e pelo prestígio, com que o senhor auspícia o nosso jornal. E apresentando-lhe as saudações do Dr. Alfredo Egydio de Souza Aranha, nosso diretor, e do Plínio Salgado, quero mais uma vez exprimir-lhe, Dr. Oliveira Vianna, os meus protestos de grande admiração*

*e profundo respeito, por quem é hoje um dos maiores mestres do espírito e da mocidade brasileira.
San Tiago Dantas.*

Ainda nesse mesmo ano, em carta de 09 de novembro, enviada de Paris, Ribeiro Couto⁹ solicita uma contribuição de Oliveira Vianna para publicação na revista portuguesa *Descobrimento*. Diz ele:

*Meu querido mestre e amigo Oliveira Vianna,
Aparece em Lisboa, de três em três meses, uma revista de cultura, de excelente apresentação intitulada Descobrimento. Tenho o encargo de obter colaboração brasileira para ela. O Alberto Rangel, por exemplo, colabora no número 3 (a aparecer por esses dias). Vou mandar-lhe um exemplar. Estas linhas são para pedir-lhe encarecidamente que me remeta um capítulo inédito de um de seus livros em preparação, ou um ensaio sobre qualquer assunto para essa revista. Imagine que quando fui convidado para dirigir a colaboração brasileira, prometi logo um trabalho seu, pois você é o maior nome da sociografia brasileira e um dos seus ensaios nos daria uma excelente posição naquela revista. Trata-se do interesse exclusivo do Brasil, para o qual e pelo qual você trabalha sempre luminosamente. Conto com você, em nome de uma velha e sólida devoção, que é também amizade. Manda-me?*

A correspondência também expõe a colaboração de Vianna com os órgãos de divulgação das idéias dos pensadores católicos. Em carta de 18 de outubro de 1932, Alceu Amoroso Lima propõe a Vianna que envie uma colaboração para a revista *A Ordem*, periódico que havia sido criado em agosto de 1921 por Jackson de Figueiredo¹⁰, fundador também do Centro Dom Vital. Ao longo dos anos 20, esses órgãos tornaram-se responsáveis pelo início de um longo processo de revitalização do catolicismo. O Centro, assim como a revista, buscava reunir a inteligência católica tendo em vista promover a campanha por suas idéias. Angela de Castro Gomes aponta a importância desses órgãos e dos intelectuais católicos, ao longo da Primeira República, como estratégica para o que ela denominou catolicização do país:

As figuras exponenciais e referenciais desta bem cuidada investida foram, além do cardeal Leme, os líderes leigos Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, envolvidos na direção da revista A Ordem e do Centro Dom Vital, particularmente atuantes durante as décadas de 20 e 30¹¹.

Essa mesma autora, ao analisar o ambiente intelectual do Rio de Janeiro durante os primeiros anos do século XX, ressalta a convergência desse movimento de militância católica, que se desenvolvia, com outros movimentos intelectuais do período, como o simbolista. Segundo ela,

(...) o Rio de Janeiro dos anos 10 torna-se uma cidade importante para a montagem de uma rede intelectual que se reconhece como pertencente a uma tradição simbolista. Essa tradição mística e espiritualista, contudo, não pode ser mecanicamente associada ao boom da militância católica que então começava a se desenvolver. Entretanto seria impossível não assinalar a convergência, bem como os laços que passam a unir as trajetórias de alguns intelectuais simbolistas e algumas das mais importantes lideranças leigas da militância católica de então. São tais conexões que nos permitem transitar do simbolismo ao modernismo; do início do século aos anos 20 e 30; e de outros estados do Brasil à capital federal¹².

Entre os intelectuais que aproximavam as tendências simbolista e católica estava Tasso da Silveira. Ele nasceu em 1895, filho do poeta simbolista e diretor da revista *Cenáculo*¹³, Silveira Neto. Em 1916, já no Rio de Janeiro, Tasso da Silveira estabeleceu contatos com vários intelectuais, como Jackson de Figueiredo, sobre quem escreveu um ensaio literário. Anos mais tarde, associado ao seu amigo Andrade Muricy¹⁴, Tasso participou da montagem de algumas revistas literárias, entre elas *América Latina*, em 1919; *Árvore Nova*, em 1922, e *Terra do Sol*, em 1924.

Foi justamente para solicitar uma colaboração para a revista *Terra do Sol* que Tasso da Silveira escreveu a Oliveira Vianna, em 08 de novembro de 1925. Não seria esse o primeiro trabalho de que os dois participariam juntos. No ano anterior, 1924, Vicente Licínio havia organizado um livro denominado *À margem da história da República*, que contou com a participação de Tasso da Silveira e de Oliveira Vianna além de outros colaboradores como Alceu Amoroso Lima, Pontes de Miranda e Ronald de Carvalho.

A revista *Terra do Sol* expressava um grande interesse pelo pensamento social brasileiro e possuía uma postura bastante nacionalista. Contou com artigos de colaboradores como Rocha Pombo, Vitor Vianna, Amadeu Amaral e Elysio de Carvalho.

Este último também está entre os que buscaram a colaboração de Oliveira Vianna para a composição de revistas literárias. Elysio de Carvalho era tradutor, crítico e ensaísta. Foi um dos grandes divulgadores da obra de Wilde no Brasil e escreveu diversas crônicas, nas quais descrevia a boemia do Rio de Janeiro utilizando um estilo carregado de termos estrangeiros. Ao lançar a *Revista Nacional*, ele escreveu a Vianna solicitando um artigo:

*Prezado confrade,
Tenho o prazer de comunicar-lhe que durante o mês de abril vindouro aparecerá nesta capital o primeiro número da Revista Nacional. Concebida nos moldes da Outlook de New York, essa publicação mensal terá o caráter do mais elevado e significativo expoente da cultura brasileira em mais variadas modalidades. A*

nossa metrópole não dispensa hoje a contribuição desse instrumento de cultura e nacionalismo e, para suprir essa lacuna, dado o nosso desenvolvimento econômico, científico e literário, um grupo de homens de letras a cuja frente se acham Celso Vieira, Carneiro Leão, Carlos Pontes, José Mariano Filho e o abaixo assinado, tomou a iniciativa de sua elaboração. Além do comentário elucidativo e orientador de todos os aspectos da vida brasileira e internacional, a Revista Nacional estamparia estudos ou artigos pelos maiores nomes que ilustram nossa atualidade, contando desde já com a colaboração permanente do Sr. Pedro Lessa, Assis Brasil, Oliveira Lima, Carlos de Laet, João Ribeiro, Azevedo Amaral, Roquette Pinto e outros muitos. Transmitindo-lhe essa notícia, faço em nome de todos meus colegas de direção, um apelo a sua dedicação e ao seu patriotismo, a fim de tomar um posto entre nossos colaboradores efetivos. Certo do seu valiosíssimo concurso, pelo qual a Revista Nacional antecipa a expressão de seu máximo reconhecimento, devo comunicar-lhe que é desejo de todos nós que seu nome figure desde o primeiro número nos sumários da revista. Inútil dizer-lhe que a Revista Nacional está aparelhada para remunerar essa colaboração (...) Aguardando a sua resposta aproveito o ensejo para apresentar-lhe os meus protestos da mais forte admiração e meu particular apreço.

Elysio de Carvalho.

A solicitação de Elysio de Carvalho foi prontamente aceita por Oliveira Vianna, como se pode observar pela carta enviada nove dias após a primeira:

Prezado confrade Dr. Oliveira Vianna,

Acuso o recebimento de sua carta datada de 25 do corrente. Os diretores da Revista Nacional ficam muito penhorados com o acolhimento que dispensou à iniciativa que pretendem levar a cabo e estavam bem certos de que outra não seria a atitude de seu nobre espírito. Todos nós temos em alta conta a sua mentalidade e somos acordes em considerá-lo o mais brilhante e o mais profundo dos sociólogos brasileiros. Bem vê, meu caro confrade, que, assim sendo, não poderia a Revista Nacional dispensar o seu valiosíssimo concurso e espera que seu nome figure no sumário de seu primeiro número. (...)

Sem outro motivo, aproveito o ensejo para dizer-lhe que tem o direito de contar com a minha simpatia e a minha forte admiração.

Elysio de Carvalho

A correspondência de Vianna permite ainda identificar outras revistas que igualmente solicitaram trabalhos seus. Em carta datada de 03 de maio de 1932, Candido Motta Filho envia a Vianna exemplares da revista *Política* que ele havia fundado em São Paulo, e, meses depois, em nova carta de 26 de outubro, solicita sua colaboração para esse periódico.

Mas as cartas recebidas por Vianna demonstram que as solicitações de seus trabalhos não se limitaram aos periódicos citados. Além deles, artigos de Vianna foram também requeridos por Anísio Ribeiro, em 30 de agosto de 1932, para compor a revista *Arquivo*; por Pantaleão Pessoa, em

19 de julho de 1935, para a *Revista Militar do Brasil*; por Oswaldo Vianna, em 22 de abril de 1939, para a revista *A Planície*; por Roland Cerbini em carta de 07 de setembro de 1948, para jornal *O Colégio* e por Montan Leite, para a *Revista de Criminologia de Medicina Legal*.

Ao consultar essa coleção de cartas, pode-se perceber que as encomendas de trabalhos partiam de grupos distintos. Através delas, identifica-se que a rede de relações profissionais foi urdida em torno Vianna por componentes dos mais diversos grupos: do pensamento católico ao modernismo, dos militares e conservadores aos liberais.

Embora a seriedade do trabalho intelectual exigisse de Vianna uma intensa atividade de leitura – e o conseqüente recolhimento que ela impõe – ele não eliminava a necessidade de organização simultânea de uma rede de sociabilidade profissional e pessoal.

Se foi através das cartas que solicitaram a contribuição de Vianna para a elaboração de novos trabalhos, foi também, pela via epistolar que ele teceu e manteve suas relações profissionais e de amizade.

Apesar de ter pertencido a grande parte dos espaços formais de sociabilidade intelectual, Vianna construiu uma auto-imagem de homem recluso e solitário. Na representação que construiu para si, ele parece ter postulado a superioridade da escrita em detrimento da conversação. Para ele, as trocas intelectuais se estabeleciam muito mais em função da escrita do que da oralidade.

Talvez isso explique, de certa forma, o fato de ele ter colaborado com um grande número de jornais e revistas, de posições ideológicas muitas vezes distintas. Através de seus artigos, Vianna expunha sua opinião sobre os mais diversos assuntos, estabelecendo, pouco a pouco, seu lugar no espaço da produção cultural.

Notas:

¹ Professora do curso de História da Universidade Estadual do Ceará e doutoranda em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Sobre as revistas de humor, nas quais se expressaram os diversos membros da geração boêmia, ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. “Cafés, revistas e salões: microcosmo intelectual e sociabilidade”. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 35-85.

³ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. “Une contribution à l’histoire des intellectuels: les revues” in: *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. Les cahiers de L’IHTP*. CNRS, mars 1992. p. 126

⁴ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. *op. cit.* p. 129.

⁵ Na opinião de Jacqueline Pluet-Despatin, “(...) *une revue ne se réduit pas à son sommaire et celui-ci est le produit d’une intense activité en coulisse*”. Por esse motivo, para investigar as redes de sociabilidade estabelecidas a partir de uma revista é necessário, segundo ela, conhecer os “bastidores” da publicação. Ver: PLUET-DESPATIN, J. *op. cit.* 127.

⁶ Ver, a esse respeito, o texto de: GOMES, Angela de Castro. “O ministro e sua correspondência: Projeto político e sociabilidade intelectual”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2000, p.18-22.

⁷ Georges Duby, ao relatar sua trajetória profissional, destaca o papel dos editores e dos trabalhos encomendados no desenvolvimento de suas investigações científicas, afirmando:

“(...) *resolvi levar adiante a investigação. Por inclinação natural, porque gosto de escrever história. (...) Mas também porque fui solicitado. Cabe aqui necessariamente um elogio aos editores de todos os tipos. Bem aconselhados, alguns deles me estimularam, insistiram em que prosseguisse, indicaram-me objetivos a perseguir. Abalaram com persistência e minha indolência*”. Ver: DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed./ ed. UFRJ, 1993, p. 71.

⁸ A noção de “inspiração” descrita aqui como resultado do trabalho de leitura e troca de informações foi desenvolvida por Peter Stalybrass no texto “La matérialité de l’écriture, 1450-1600” apresentado no seminário do professor Roger Chartier na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, em junho de 2001. Segundo as palavras do autor, “*Quand Shakespeare écrivait une pièce, à mon avis, il ne “réfléchissait” pas. Il ouvrait sur sa table ou sur son bureau (dont malheureusement nous ne savons rien) les chroniques de Raphael Holinshed, s’il écrivait une pièce sur l’histoire d’Angleterre, de même que d’autres chroniques historiques, et des livres plus banals, tels que la traduction d’Ovide et de Virgile, des passages de Marlowe et de Sidney, etc. L’inspiration, autrement dit, ne venait pas des profondeurs de l’âme mais de l’analyse de textes et de sa propre mémoire; elle provenait de lectures et de conversations*”. STALYBRASS, Peter. *La matérialité de l’écriture, 1450-1600*. (mimeo).

⁹ Ribeiro Couto nasceu em Santos, SP, em 12 de março de 1898, e faleceu em Paris, França, em 30 de maio de 1963. Cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, trabalhando no Jornal do Comércio, em 1916, e depois no Correio Paulistano. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e, em 1919, bacharelou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Designado para o posto de auxiliar de consulado em Marselha, partiu em fins de 1928 para aquela cidade francesa, onde o cônsul-geral o indicou para vice-cônsul honorário. Em 1931, foi removido para Paris, onde serviu um ano como adido junto ao consulado geral. O governo provisório, por designação do ministro Afrânio de Melo Franco, em 1932, promoveu-o a cônsul de terceira classe. Foi 2º secretário de legação na Holanda, de 1935 a 1940; 1º secretário de legação, em 1942; encarregado de Negócios em Lisboa, de 1944 a 1946; ministro plenipotenciário na Iugoslávia, de 1947 a 1952; embaixador do Brasil na Iugoslávia, de 1952 até aposentar-se.

Durante a sua permanência na Europa, ocupou-se também de divulgar a literatura brasileira. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 28 de março de 1934.

¹⁰ Jackson de Figueiredo nasceu em 1891, na cidade de Aracaju. Mudou-se em 1909 para Salvador, onde cursou a faculdade de Direito. Após concluir o curso, partiu para o Rio de Janeiro e tornou-se, em 1918, proprietário da Livraria Católica. Morreu no Rio de Janeiro, em 1928.

¹¹ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 31.

¹² GOMES, Angela de Castro. *op. cit.* p. 39.

¹³ A revista *Cenáculo* promoveu um grande impulso ao movimento simbolista em Curitiba, através da ação de seus principais colaboradores: Emiliano Pernetá, Julio Pernetá, Dario Veloso e Silveira Neto.

¹⁴ Andrade Muricy é considerado, segundo A. de Castro Gomes, um dos maiores estudiosos do simbolismo no Brasil. Paranaense como Tasso da Silveira, eles eram muito amigos. Cursaram juntos o Ginásio Paranaense e a faculdade de Direito do Paraná. Ambos vieram para o Rio de Janeiro em meados dos anos 10. No Rio, Muricy viveu da crítica musical e literária.